



## Sociedade

# RAZIA INÉDITA EM ENGENHARIA

Joana Ferreira da Costa

joana.f.costa@sol.pt

Houve 46 cursos de Engenharia que ficaram desertos. Pior cenário é nos engenheiros civis. Bastonário quer reunir com deputados.

Nunca como agora tantos cursos de Engenharia ficaram desertos na primeira fase de colocação no Ensino Superior. Ao todo, 46 ficaram totalmente vazios, sem um único candidato. O caso mais preocupante é o de Engenharia Civil: dos 21 cursos disponíveis no país, 19 tiveram menos de dez candidatos e numa dezena deles nenhum lugar foi preenchido.

«É a maior razia de sempre na Engenharia Civil, na primeira chamada», admite ao SOL o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos, adiantando que, por isso, vai pedir reuniões a todos os grupos parlamentares para denunciar este problema que ameaça criar um défice de profissionais no país. «Se este cenário não for combatido todo o plano estratégico de investimento em infra-estrutura e transportes anunciado pelo Governo até 2020 poderá ser erguido com engenheiros estrangeiros», argumenta.

«O que se está a passar é demasiado grave para nada se fazer», avisa, por seu lado, Joaquim Mourato, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos – estabelecimentos que este ano ficaram com muitos lugares por ocupar. Aliás, nenhum aluno concorreu a Engenharia Civil nos politécnicos de Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Porto, Barreiro, Viseu e Tomar, num total de 316 vagas.

Também a zeros ficaram os cursos da mesma área nas universidades de Aveiro e de Trás-os-Montes e Alto Douro, correspondendo a 65 lugares.

Nas restantes faculdades, o cenário não foi muito melhor. Em



Falta de candidatos aos cursos ameaça deixar país sem engenheiros civis

nove cursos de Civil houve menos de 10 candidatos, o que pode, a curto prazo, ditar o encerramento destes cursos. Isto porque o Ministério da Educação e Ciência deixa de financiar os programas das instituições que durante dois anos seguidos tenham menos de 10 alunos.

É o caso, por exemplo, da Universidade da Beira Interior, que abriu 20 vagas, tendo entrado só um estudante. O mesmo sucedeu na Universidade do Algarve, que tinha 30 lugares disponíveis.

Situação idêntica vive-se na Universidade de Coimbra, que para Engenharia Civil oferecia 110 vagas, mas apenas cinco fo-

ram preenchidas. Também na Universidade do Minho só cinco estudantes preencheram as 50 ofertas.

E nem mesmo o facto de, este ano, o estabelecimento minhoto ter anunciado que há empresas privadas dispostas a financiar 15 bolsas (pagando as propinas durante cinco anos) aos melhores candidatos de Engenharia Civil fez disparar a procura.

Apenas o Instituto Superior Técnico, em Lisboa, e a Universidade do Porto escapam a esta desertificação. Ao primeiro concorreram 82 estudantes e ao segundo 50. Apesar disso, num e noutro caso ficou-se longe de preencher

o número total de vagas: 150 em Lisboa e 140 no Porto.

### Fuga de alunos deve-se a médias de Matemática

Esta razia não deverá alterar-se com as colocações de estudantes na 2.ª fase de acesso ao Superior, que termina a 19 de Setembro. «Não acredito que haja grandes alterações», diz Joaquim Mourato, considerando esta «situação dramática» por «as engenharias serem fundamentais para a inovação em Portugal».

Além da Civil, também as áreas de Electrotécnica, Mecânica, Ambiente, Energias Renováveis e Engenharia de Informática registaram cursos sem qualquer procura. O que para o bastonário não se deve, como pode parecer, à crise e ao desemprego provocado pela paralisação do investimento em obras públicas no país, que tem levado muitos engenheiros a emigrar. «Em Arquitectura, por exemplo há muito menos emprego e os cursos ficaram cheios nesta primeira fase», sublinha Matias Ramos, defendendo que o principal problema está nas notas dos exames nacionais de Matemática e de Física ou Química, disciplinas que passaram a contar para a média de entrada nes-

➔ VAGAS A MAIS

46

cursos de Engenharia sem procura na primeira fase

10

estabelecimentos ficaram com todas as vagas de Engenharia Civil por ocupar

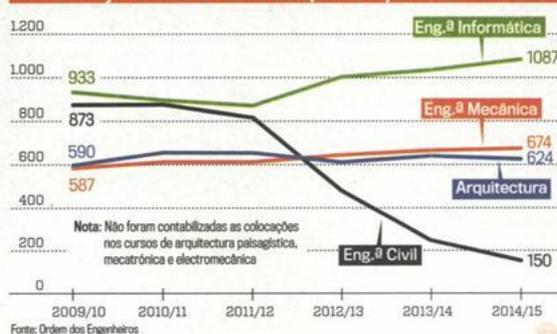
tes cursos. «A Matemática que é obrigatória está a afastar muitos jovens, porque a média dos exames nacionais do secundário é muito baixa, este ano foi de 7,8», afirma.

Matias Ramos admite que o domínio destas disciplinas é essencial para a profissão, mas considera que a solução passa por as escolas investirem numa melhor preparação dos alunos para os testes.

Esta opinião é partilhada pelo presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores e Politécnicos. «Se a média nacional a Matemática é negativa, logo à partida há metade dos estudantes do país sem condições para poderem concorrer a um curso de Engenharia», refere Joaquim Mourato, lembrando que muitos dos cursos de Engenharia já encerram nos últimos anos, deixando regiões como o Alentejo praticamente sem oferta.

Para tentar alterar este cenário, a Ordem dos Engenheiros vai lançar uma acção inédita e enviar às escolas engenheiros para falarem nas turmas do 9.º ano sobre a importância das engenharias para o desenvolvimento de Portugal. «Sem inovação um país não pode crescer», alerta o bastonário.

### Colocações no Ensino Superior público (1ª fase)

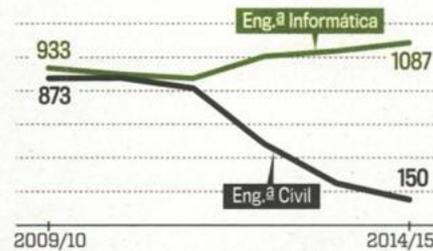




# Cursos de Engenharia Civil ficam quase desertos

Nunca como agora tantos cursos de Engenharia ficaram desertos na primeira fase de colocação do Ensino Superior:

Ao todo, 46 cursos ficaram totalmente vazios. O caso mais preocupante é o de Engenharia Civil. «É a maior razia de sempre na Engenharia Civil na primeira chamada», alerta o bastonário Carlos Matias Ramos, que, por isso, vai pedir reuniões a to-



dos os grupos parlamentares para denunciar este problema, que ameaça criar défice de profissionais no país.

Dos 21 cursos de Engenharia Civil disponíveis em universidades e politécnicos, 19 tiveram menos de dez candidatos. Outros cursos de Electrotécnica, Mecânica, Ambiente e Energias Renováveis também não tiveram procura. ➤ Pág. 44